

demonstrate the learning opportunities based on interaction in which knowledge is constructed in a dialogical perspective.

KEYWORDS: Disability. Zone of Proximal Development. Learning

1. PRIMEIRAS PALAVRAS: EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O tema relacionado à Educação Inclusiva é o mais polêmico e inquietante para os profissionais da educação. Sabemos que a palavra *Inclusão* propagou-se de forma efetiva nos discursos, porém constituindo-se, muitas vezes, em um feito vazio de significação social. A nosso ver, não podemos esquecer o processo histórico, e atualidade, pois a construção deste precisa se basear em ideias e práticas que edifiquem as diferenças e a promoção da inclusão, que tem como princípio básico a igualdade, ou seja, o aluno deve ser incluído de forma igualitária no processo, tendo a escola a função de acolher esse aluno em todos os sentidos, e proporcionar as adaptações necessárias para a sua permanência na escola.

A Educação Inclusiva é vista como um movimento político, que busca a concretização da Educação para todos. *Acesso e Qualidade*, uma conferência realizada pela UNESCO em 1994, propôs aprofundar a discussão, problematizando os aspectos acerca da escola não acessível a todos os alunos. Assim, a partir dessa reflexão sobre as práticas educacionais que resultam na desigualdade social de diversos grupos, o documento *Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais* proclama que as escolas comuns representam o meio mais eficaz para combater as atitudes discriminatórias.

Nesse sentido, o professor deve proporcionar uma metodologia diferenciada na realidade da educação inclusiva, absolutamente complexa em nosso país. Há de considerar que o aluno com deficiência encontra-se incluso numa sala com alunos que não têm deficiência, portanto, para que haja de fato aprendizagem, são necessárias as adaptações curriculares, acarretando mudanças no paradigma tradicional da educação e concretizando os princípios da legislação sobre a inclusão social.

A partir da possível efetivação da inclusão, amparada na legislação, a escola começa a repensar o seu papel, trazendo à tona discussões sobre as inquietações de educadores que buscam soluções para diversos problemas e dificuldades, avaliam a contribuição da inclusão, tanto para os alunos sem deficiência, quanto para os que têm deficiência. Tal reflexão é fruto dos movimentos sociais fortalecidos nas últimas décadas e que têm influenciado, diretamente, as práticas educativas.

Tendo em vista tal contexto, o presente estudo tem como objetivo investigar as possibilidades da aprendizagem de alunos com deficiência intelectual e auditiva através da Zona de Desenvolvimento Proximal, tendo como aporte teórico as contribuições dos estudiosos russos Vygotsky e Bakhtin. Para tanto, exemplificamos práticas de sala de aula que demonstram as possibilidades de aprendizagem baseada na interação, em que o conhecimento é construído de forma dialógica.

Vygotsky é um autor que valoriza a escola, o professor e a intervenção pedagógica, isto é, o papel do educador na formação do sujeito. Para ele, a interação social é base essencial para o desenvolvimento psíquico do sujeito, pois este pesquisador observa aspectos que vêm de dentro do sujeito e coisas que vêm do ambiente. Ele considera que as funções psíquicas são formadas a partir da influência cultural na aprendizagem e no desenvolvimento.

Esse autor focalizou o desenvolvimento da pessoa com deficiência a partir dos pressupostos gerais que orientavam a sua concepção do desenvolvimento de pessoas consideradas normais; desses pressupostos, ele destacou os aspectos qualitativamente diversos desses indivíduos, em virtude não apenas de suas diferenças orgânicas, mas das peculiaridades de suas relações sociais – fatores que fazem com que a pessoa com deficiência seja vista não simplesmente como menos desenvolvida em determinados aspectos que os não deficientes, mas como um sujeito que se desenvolve de uma outra maneira.

Ainda segundo esse autor, as pessoas com deficiência podem se beneficiar do processo de aprendizagem assim como as demais. Porém, precisam ser corretamente estimuladas, desde cedo, e o ambiente

educacional deve ser receptivo e utilizar-se de recursos educacionais adequados para que elas possam assimilar grande parte dos conhecimentos.

Seus estudos documentam os Planos Genéticos de Desenvolvimento que falam em quatro entradas de desenvolvimento que, juntas, caracterizariam o funcionamento psicológico do ser humano. 1^a- É a Filogênese, que é a história da espécie humana, por meio da qual são definidos os limites e possibilidades de funcionamento psicológico dos seus membros. 2^a- Ontogênese, que é a história do indivíduo da espécie. 3^a- Sociogênese, que é a história cultural na qual o sujeito está inserido. 4^a- Microgênese é o aspecto mais microscópico do desenvolvimento, que faz com que olhemos como cada pequeno fenômeno tem a sua história, e como ninguém tem uma história igual ao do outro, é daí a construção da singularidade de cada pessoa e a heterogeneidade entre os seres humanos.

Assim, acreditamos ser importante aplicar a microgênese, pois é através deste pressuposto que poderemos observar e considerar as capacidades do ser humano, sua história de vida, sua forma de aprender, o que contribui muito para o professor conhecer a história de vida do aluno e, assim oportunizar o aprendizado através de aulas diferenciadas, trabalhando as dificuldades do mesmo, o que auxiliará na superação das mesmas e conseqüentemente, na melhoria do ensino.

2. AS CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN E VYGOTSKY NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Iniciaremos abordando acerca da educação dos surdos, fazendo um paralelo entre Bakhtin e Vygotsky. Para Vygotsky (2008: 150), o significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito entre o pensamento e a linguagem, que fica difícil dizer quando se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio, o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável. Pareceria, então, que o significado poderia ser visto como um fenômeno da fala. Mas, do ponto de

vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito.

Para Bakhtin, a língua, enquanto prática viva, está ligada à consciência linguística do locutor e do receptor como linguagem existente num conjunto de contextos possíveis. Em decorrência disso, a “palavra” nunca será empregada como um item dicionarizado, mas nas mais diferentes enunciações dos locutores, nas mais diversas enunciações de sua prática linguística.

Bakhtin e Volochinov (1992) explicam que a “palavra” sempre se dá em contextos de enunciações precisos, logo, em um contexto ideológico preciso e, em decorrência disso, a palavra sempre estará “carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, pois “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc” (Obra citada: 95). A palavra deve ser tratada completamente de forma diferente, pois leva em consideração “sua história, sua historicidade, ou seja, especialmente a linguagem em uso” (Obra citada: 178), tornando-se “elemento concreto de feitura ideológica”.

Assim, pensando no aprendizado do surdo, quando este se depara com uma palavra descontextualizada e desconhecida, não consegue fazer a leitura, pois desconhece o seu sentido, vendo a palavra apenas como um amontoado de letras, portanto, sabemos que a palavra deve ser contextualizada, compreendida em sua história viva e concreta.

De acordo com Vygotsky (2008: 150), o significado da palavra é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele, ou seja, é um fenômeno verbal da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento.

Reafirmamos que os surdos são indivíduos que entendem, pensam, que têm capacidades cognitivas, porém, muitas vezes, são vistos sob um prisma negativo que acentua a deficiência.

Em nossa opinião, devem ser ofertadas adaptações curriculares para a melhoria do processo de aprendizagem, utilizando, para tanto, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e a Língua Portuguesa no currículo escolar.

Tal consideração tem como base o Decreto 5.626 de 05 de dezembro de 2005, que determina o direito de uma educação que garanta a formação da pessoa com surdez em que a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, na sua modalidade escrita, constituam línguas de instrução, e que o acesso às duas línguas ocorra de forma simultânea no ambiente escolar, colaborando para o desenvolvimento de todo o processo educativo.

3. ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

Acreditamos ser imprescindível, no processo de aprendizagem, conhecermos o que é Zona de Desenvolvimento Proximal e qual sua importância para o ensino aprendizagem.

Segundo Vygotsky (2007: 97), Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Isso nos faz entender que, na realidade, a ZDP define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, que se encontram em processo de desenvolvimento, comparadas ao broto de uma árvore; já o nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, e *nível de desenvolvimento potencial*, que é aquilo que a criança ainda não tem, mas que está próximo de acontecer, com influência de um par mais avançado. Esse intervalo entre o que já está apreendido e o que está para apreender é que o Vygotsky chama de zona de desenvolvimento proximal.

A seguir um exemplo de como a ZDP funciona na prática de sala de aula, ou seja na evolução de um aluno com deficiência intelectual e, conseqüentemente do colega.

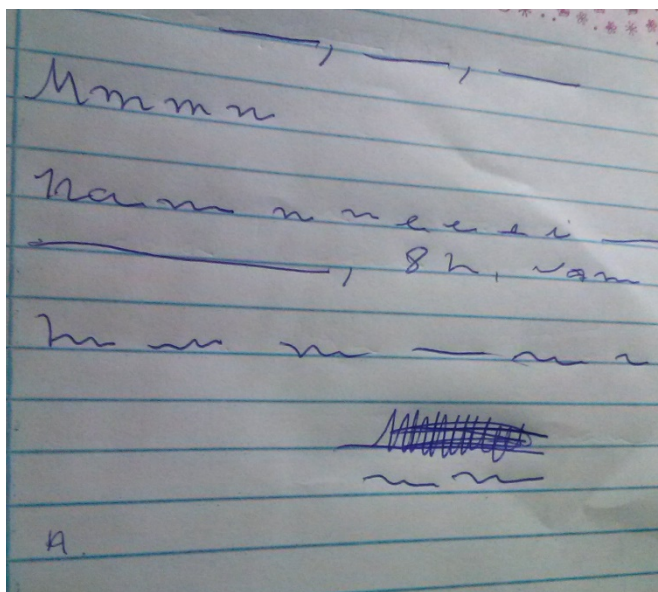
Esse exemplo foi uma experiência que aconteceu na sala de aula num Centro de Educação de Jovens e Adultos, no município de Várzea Grande. Esse Centro de atendimento trabalha com a inclusão dos alunos com

deficiência, nas áreas: intelectual, física, auditiva e múltipla, funcionando desde o I\II Segmento ao Ensino Médio.

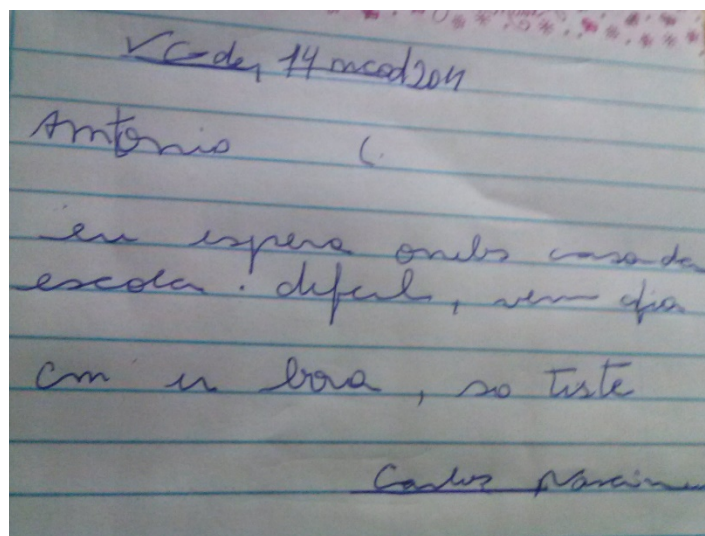
Numa sala de aula, havia um aluno com deficiência intelectual, que chamaremos como aluno A, que se encontrava no I segmento (2ºano), só escrevia garatujas, porém tinha um ótimo desenvolvimento cognitivo, no que se refere à compreensão das situações vividas no cotidiano. Um dia, a professora estava trabalhando com a turma o Gênero Bilhete, explicando sua função e importância para a comunicação, havia alguns alunos que já escreviam, outros que apenas se utilizavam da garatuja para externar sua compreensão. Porém, existia um colega, chamaremos de aluno B, que diferente do outro aluno, conseguia escrever algumas frases, mas tinha dificuldades para dar sequência ao seu raciocínio.

Certo dia, o transporte que levava os alunos A e B estragou e demorou muito a vir buscá-lo, nesse intervalo de tempo, ele estava preocupado com a mãe. Já o aluno A que estava ao seu lado, encontrava-se escrevendo um bilhete para o motorista que continha a seguinte mensagem:

Aluno A



Tradução



Este bilhete traz uma mensagem com uma escrita mais compreensiva, pois fica claro que o aluno espera o ônibus que o leva da casa para escola, que é difícil, que quer embora e que está triste.

É interessante ressaltar que trata-se de alunos com deficiência intelectual em níveis diferentes. O aluno A, não faz uso da escrita convencional, encontra-se ainda na fase nível pré-silábico, porém apresenta bom raciocínio, consegue externar sua opinião e indignação, demonstrando conhecimento de hierarquia (a quem reclamar), bem como compreende a função, os passos e a aplicabilidade do bilhete. Enquanto o aluno B, possui escrita de palavras um tanto compreensiva, porém encontra-se na fase nível silábico alfabético, faz uso de frases sem as regras gramaticais, não possui criticidade em seu texto.

Podemos perceber, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal bem claro quando o aluno A consegue aprender através da explicação da professora a construção do gênero bilhete e sua aplicabilidade, principalmente quando ele utiliza-se desse gênero para externar ao motorista sua indignação, depois orienta o seu colega a estrutura do bilhete, onde o mesmo consegue utilizar-se da escrita para reclamar ao motorista a sua demora, bem como a preocupação da mãe referente ao atraso, ou seja, há a efetivação da aprendizagem através da interação, do par mais avançado.

Vygotsky (2007: 103) salienta que um aspecto essencial do aprendizado é que este desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança, ou seja, até o conhecimento que a criança já chegou, ou seja, aquilo que ela já tem, o *nível de desenvolvimento potencial*, que é aquilo que a criança ainda não tem, mas que está próximo de acontecer, tendo a ajuda de um colega que já domina o conteúdo. Esse intervalo entre o que já está apreendido e o que está para apreender é que o Vygotsky chama de zona de desenvolvimento proximal.

Desse modo, podemos entender qual a noção dos processos de desenvolvimento não coincidem com os processos de aprendizado, os processos de desenvolvimento têm evolução mais lento e vem atrás do processo de aprendizado, é nesse sentido que resulta a zona de desenvolvimento proximal, modificando assim a visão tradicional de ensino, pois no momento em que a criança aprende um sentido de uma palavra, seus processos de desenvolvimento estão basicamente completos. A maior consequência disso no processo educacional é que se fornece base para o desenvolvimento subsequente de vários processos internos altamente complexos no pensamento do aluno.

4. REFLETINDO, MAS NÃO CONCLUINDO...

Faremos nossa reflexão acerca da citação abaixo de Bakhtin, que vem contribuir com o nosso trabalho sobre a aprendizagem referente à compreensão da palavra, passando para a formalização do enunciado:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bem diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e

plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta (BAKHTIN, 2003: 271).

Desse modo, entendemos que ao ensinarmos uma palavra para o aluno com deficiência, e mais especificamente para o surdo, deve-se trabalhar os sentidos da mesma, pois, dessa maneira, seus processos de desenvolvimento estarão completos, possibilitando a compreensão de outros sentidos que a palavra tem dependendo do contexto em que a mesma se encontra inserida, ampliando assim o léxico da palavra, não ficando apenas no sentido monossêmico, como vimos no decorrer deste trabalho no que concerne ao ensinamento através da Cartilha Comunicando com as mãos.

Assim, devemos considerar, no processo de alfabetização, que o professor esteja atento ao nível de desenvolvimento do aluno de forma a mediar adequadamente o seu aprendizado, não exigindo do mesmo uma autonomia que ele ainda não possui, mas sendo mediador da construção do conhecimento. Dessa forma, faz-se necessário considerar a ZDP no processo de aprendizagem do surdo, uma vez que ela tem como função definir as funções que ainda não amadurecerem, mas que estão em processo de amadurecimento, isso deve ser compreendido pelo professor, pois só assim ele conseguirá melhorar o processo aprendizagem desse aluno.

Ainda pensando na educação de surdos na perspectiva da inclusão, acreditamos ser possível proporcionar aos alunos a apropriação dos atos da escrita, tornando-os leitores com competência discursiva, nas interações (escritas) concretas, em que poderão estabelecer a dialogia e constituir-se sujeitos de seus lugares sociais, e também constituir-se a si mesmos na interação com o outro, conforme nos esclarece a concepção bakhtiniana. Acreditar no ser humano é dar possibilidades de superação, baseada na relação com o outro, e acima de tudo poder compartilhar a aprendizagem num processo interativo.

OBRAS CITADAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 1 ed. Tradução de Maria Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1992 b.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6 ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, São Paulo: Hucitec, 1992 a.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais**. Org. Lucinda F. Brito et al. - Brasília: SEESP. 1997.

BRASIL, Ministério da Justiça. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre necessidades educativas especiais**. 2º Ed. Brasília: CORDE, 1997.

FRIÃES. H. M. S. **Compreensão de textos por adolescentes surdos**. Dissertação. Mestrado em Distúrbio da Comunicação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 1999. 77

FRAGOSO. A. C. P. **Relações de surdos com a leitura e estratégias utilizadas**. São Paulo. 139 p., (Dissertação de Mestrado em Distúrbios da Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GESUELI. Z. M. **A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos**. IN: LODI. A.C.B, et al (orgs). *Leitura e escrita no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004, p-39-49.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São paulo: Plexus, 1997

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VIDA mas livre. **O surdo e a língua escrita**. Disponível em: http://vidamaislivre.com.br/colunas/post.php?id=5519&/o_surdo_e_a_lingua_escrita. Consulta em 25 de nov. de 2014.